

Loco, rabioso y porteño

Ricardo Sabbag¹

Passaram-se cem anos do nascimento do escritor argentino Roberto Arlt (1900 - 1942) e ainda não se sabe exatamente quem é ele. Muitos o colocariam como o “segundo” na lista dos melhores portenhos atrás somente do lendário Jorge Luis Borges. Injustiça para um escritor da importância de Arlt, que sequer compactuava das mesmas idéias de Borges. Este primava pelo estilo como essência da literatura; aquele, pelas causas sociais. Hoje a obra de Arlt está sendo revisitada graças ao centenário de seu nascimento e muito mais está por se descobrir desse “baú de sombras”.

A redescoberta de Arlt no Brasil faz perceber como a crítica e público brasileiros fecham os olhos para a cultura de um país vizinho, que tanto teria a oferecer como contribuição cultural. Olhando com atenção, a literatura portenha teve, no século XX, importância igual ou maior à brasileira. Enquanto os maiores romancistas brasileiros voltaram-se, neste período, ao regional, à vida agreste, aos rincões esquecidos do país – vide Guimarães Rosa e Euclides da Cunha –, Arlt, Borges e Cortázar têm sua literatura calcada no urbano, principalmente na cidade de Buenos Aires, que serviu como palco para suas idéias. Ao que parece, infelizmente, a rixa futebolística nos faz fechar os olhos para outras manifestações populares dos *hermanos*.

Mas, como nem tudo é tão ruim como soa, no Brasil, a editora Iluminuras lançou neste ano em um único volume a obra *Os Sete Loucos* e sua continuação, *Os Lança-Chamas* (trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro) que, juntos de *O Brinquedo Raivoso* e *O Amor Bruxo*, formam o conjunto de romances de Roberto Arlt – conhecido também pelas crônicas compiladas da coluna jornalística *Aguafuertes porteñas*. Além do romance citado, foram lançados também *As Feras* e *Viagem Terrível*, do mesmo autor.

Arlt ainda é um enigma para seus próprios conterrâneos. Entre seus estudiosos, Julio Cortázar (de *O Jogo da Amarelinha*), que prefaciou suas *Obras Completas*, e Ricardo Piglia (de *Nome Falso – uma homenagem a Roberto Arlt*). Para ambos (entre outros críticos), o que mais assombra em Arlt é o uso ímpar da linguagem. Seus personagens são todos calhordas, esquecidos, larápios e loucos; falam em um castelhano rio-platense pouco ortodoxo e são narrados de forma que, em certos momentos, seus diálogos se opõem à compreensão do fluxo normal do pensamento, produzindo um “baque” no leitor, como se levasse um tapa e tivesse a cabeça virada, forçosamente, para outro lado. Alguns desses estudiosos chegam a associar a linguagem de Arlt a seu próprio sobrenome, quase impronunciável.

¹ Graduação – Jornalismo/PUC-PR, redator do jornal Gazeta Mercantil e colaborador do suplemento literário “Rascunho”, onde publicou a primeira versão desta resenha.

Talvez aí resida o segredo maior da literatura de Arlt. Como ele mesmo definia, suas letras querem a violência de um “cross” na mandíbula (e, em suas palavras, “os eunucos que bufem”). Exemplo maior talvez seja a fala em que o farmacêutico Ergueta, em *Os Sete Loucos*, termina um solilóquio com Erdosain sobre a Bíblia e o destino dos homens, exclamando “rajá, turrito, rajá” (“se manda, safado, se manda”).

Erdosain é o escolhido de Arlt em *Os Sete Loucos* e *Os Lança-Chamas* para caminhar nas ruas de uma pobre Buenos Aires dos anos 20. A cidade, descrita tortuosamente nas linhas cáusticas do argentino, é o cenário da história do pobre diabo que, tendo roubado quantia significativa da empresa onde trabalha (seiscentos pesos e sete centavos), procura um jeito de se livrar da pena e, talvez, enriquecer. Ou enlouquecer.

É importante saber porque Arlt opta por uma linguagem despojada, ácida e irônica. Menino nascido no pobre bairro de portenho de Flores, foi autodidata em literatura. Desde cedo freqüentava bibliotecas públicas. Apreciava principalmente o russo Dostoievski e o francês Proust, além de folhetins e “Manuais de Invenção”. Aos oito anos, vende seu primeiro conto. Aos dezesseis, briga com seu pai e sai de casa. Publica *El Juguete Rabioso* (O Brinquedo Raivoso) integralmente em 1926. A infância pobre e solitária ajuda o escritor a, através desses caminhos, desenhar uma Buenos Aires suja, quase prostituta, que é o melhor cenário para os sete loucos errarem seus caminhos através da busca de um deus – o deus ‘capital’ – vivo. Sua vivência pelos bairros pobres, a convivência com cafetões, trambiqueiros e malandros fez com que ele tomasse para si a língua das ruas. Consequentemente, é o legado de sua obra.

Roberto Arlt tentou, por muito tempo, sobreviver não só das crônicas para o jornal *Crítica*, mas da sociedade Arna (aglutinação dos sobrenomes de Arlt e de seu sócio na empreitada, o ator Pascual Nacaratti). Com a Arna, o escritor montou um pequeno laboratório químico e tentou viver das invenções que criava. Ledo engano. Todas as suas traquitanas foram rejeitadas pelo público, e ele não teve mais como enriquecer da ciência inventiva, como sempre quis.

Não aos livros

Para quê serve um livro? Inicialmente, algum diria: “para transmitir conhecimento” ou “para que se aprenda e se forme um conceito claro e amplo de existência”. Não. Um livro não serve para nada disso. Aliás, um livro não serve para nada senão desgraçar o homem. Pense bem. Já conheceu alguém que leia bastante e que seja feliz? Normalmente os indivíduos que lêem, independentemente de suas idades, têm sua existência complicada.

As palavras do parágrafo acima foram escritas por Roberto Arlt em fevereiro de 1930, numa crônica das *Aguafuertes* intitulada “A inutilidade dos

livros”. Era a resposta à carta de um leitor que pedia ao cronista que recomendasse livros aos jovens “para que se aprenda e forme...” O principal argumento de Arlt era de que, se houvesse algum livro único que transmitisse tal benesse científica, ele provavelmente estaria na estante de todas as escolas, universidades e casas de pessoas.

Livros não trazem verdades. “Se cada livro contivesse uma verdade, uma só verdade nova na superfície da Terra, o grau de civilização moral que os homens teriam alcançado seria incalculável”, argumenta Arlt. Depois complementa: “A maioria de nós (escritores) que escreve, o que faz é desorientar a opinião pública. As pessoas buscam verdades e nós lhes damos verdades enganosas”. E os jornalistas, dessa vez, que bufem.

Arlt, ao que se vê, era um crítico ferrenho da sua realidade e de si mesmo. Usava como elementos as ciências ocultas, a fé, as certezas e os sonhos dos homens e os desconstruía linha após linha, desnudando em metáforas seus personagens e a relação dos homens com o saber, com a cultura e com a arte. A arte, para Arlt, nunca foi mais do que um ganha-pão. No volume duplo da editora Iluminuras, é publicado também uma pequena crônica das *Aguafuertes*. Nela, o escriba narra para o leitor do dia a dia de um jornalista/escritor em fase de finalização do romance. Envolto em recortes, papéis, anotações e outros amontoados de coisas, não há espaço para reflexões filosóficas sobre personagens e ações. É tudo um grande quebra-cabeça, entrecortado de exigências profissionais e pessoais. A arte de Arlt estava contida nele mesmo, na maneira como enxergava e vivia seu mundo. Seu trabalho nada mais é do que um reflexo de tudo isso.

Hoje o jornalista e escritor argentino parece mais vivo do que nunca, ainda que se aguarde por sua compreensão total. Possível é que a obra de Arlt mantenha-se indissolúvel, sempre que redescoberta geração após geração, mesmo que esmiuçada cada vez mais. Ao que parece, o *loco* do bairro de Flores construiu um universo viçoso e consistente mas, ao mesmo tempo, consumível – desde que por um “cross” de mandíbula.

ARLT, Roberto. *Os Sete Loucos e Os Lança-Chamas*. São Paulo: Iluminuras, 2000.